

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

O PAPEL DOS ESTUDOS SOBRE CRENÇAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Djane Antonucci Correa (djanecorrea@uol.com.br)
Lucimar Araujo Braga (labraga2007@gmail.com)
Sergio Mateus Goitoto (kaingang222@gmail.com)
Tiago Herminio Canteri (newjames93@hotmail.com)
Letícia Fraga (leticiafraga@gmail.com)

RESUMO – Este projeto de extensão objetiva propor discussões sobre a temática das crenças, partindo do princípio que estas exercem um forte impacto no comportamento e nas ações humanas (BARCELOS, 2006). Mais especificamente, aos participantes cabe propor subtemas e assumir junto à coordenação a função de conduzir as discussões, o que contribui para que cada um desenvolva autonomia quanto ao trabalho, teórico e prático, sobre/com crenças. Metodologicamente, o projeto desenvolve-se a partir da realização de uma série de reuniões de discussão sobre textos diversos e posterior realização de trabalhos de intervenção nos mais variados contextos escolares, uma vez que inúmeros estudos defendem o debate sobre a relação entre crenças e formação de professores. No entanto, muitos estudos sobre crenças são teóricos, de modo que este se propõe ultrapassar a mera discussão abstrata e que se limita a constatar que todos temos crenças que influenciam nossas atitudes. A partir disso, nos propomos a trabalhar a questão da conscientização sobre o papel das crenças nas atitudes de professores e alunos. Os resultados levantados até o momento, apontam que os professores consideram importante refletir sobre suas crenças, de modo que possam avançar em relação ao que está posto sobre ensino de língua.

PALAVRAS-CHAVE – crenças; formação de professores; ensino-aprendizagem de língua.

Introdução

A noção de crenças, a princípio, foi proposta pela Psicologia Social, no início do século passado, por Gustave Le Bon. Já a noção de crenças linguísticas passou a ser discutida em linguística aplicada, nas décadas de 80, no exterior, e 90, no Brasil, por Leffa (1991); Almeida Filho (1998) e Barcelos (1995).

Em linguística aplicada, não existe uma única definição para o conceito (BARCELOS, 2004). Segundo a autora, esse é, aliás, um dos motivos que faz com que a tarefa de investigar crenças não seja simples. O quadro a seguir mostra apenas alguns dos vários termos e definições já usados para se referir às crenças sobre aprendizagem de línguas.

Nesta discussão, o conceito de crenças linguísticas que assumo é o proposto por Barcelos (2006):

[Crenças são] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p.18).

Ainda segundo a mesma autora, assumir essa noção de crenças linguísticas implica assumir que as crenças são:

- Emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente: Dewey (1933) já assinalava para esse caráter social e contextual das crenças através do conceito de experiência e seus princípios de continuidade e interação. A visão inicial prevalente no ensino de línguas característica da abordagem normativa e de um primeiro momento de investigação (Cf. BARCELOS, 2000, 2001, 2004) enfatizava crenças como uma estrutura mental pronta e fixa. A visão mais recente, entretanto, sinaliza para modificação, desenvolvimento e ressignificação de crenças à medida que interagimos e modificamos nossas experiências e somos, ao mesmo tempo, modificados por elas. As crenças incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais.

- Experienciais: de acordo com Hosenfeld (2003), “as crenças dos aprendizes são parte das construções e reconstruções de suas experiências” (p. 39). Para os estudiosos da cognição, “todos os processos cognitivos, assim como a linguagem, nascem da natureza contextual da existência humana e da experiência” (LANGACKER, 1990, 1991 apud WATSON-GECEO, 2004, p. 333).

- Mediadas: dentro dessa perspectiva mais atual e sociocultural, Alanen (2003) e Dufva (2003) caracterizam crenças como instrumentos de mediação usados para regular a aprendizagem e a solução de problemas.

- Relacionadas à ação de uma maneira indireta e complexa: apesar de se constituírem em forte influência do comportamento ou da ação, nem sempre agimos de acordo com nossas crenças. Isso será discutido mais adiante.

- Não tão facilmente distintas do conhecimento: para teóricos como Woods (2003), “as crenças não se separam facilmente de outros aspectos como conhecimento, motivação e estratégias de aprendizagem” (p. 226-227) (BARCELOS, 2006, p.18-19, grifos nossos).

Objetivos

Como objetivo geral, o trabalho que desenvolvemos procurou discutir o conceito de crenças e suas implicações para o ensino e a aprendizagem de línguas.

De modo mais específico, o trabalho aborda a relação entre formação de professores e os estudos sobre crenças e se apoia nas seguintes ações:

- Analisar tendências atuais na pesquisa de crenças, a metodologia de pesquisa para a investigação das crenças e os principais instrumentos de coleta de dados utilizados.
- Discutir a importância da pesquisa sobre crenças no panorama atual das pesquisas em Linguística Aplicada, buscando propor possíveis encaminhamentos e sugestões para futuras pesquisas na área.

Referencial teórico-metodológico

A metodologia do projeto se baseia essencialmente em uma série de encontros organizados a partir de diferentes temáticas relacionadas aos estudos de crenças. As diferentes temáticas advinham dos subprojetos que cada participante desenvolve, considerando o tema geral. Nos primeiros encontros os subprojetos foram apresentados por cada participante. Cada subprojeto contém objetivos, metodologia de trabalho e referencial bibliográfico que será discutido nos encontros.

Na sequência, depois que definimos a ordem dos encontros em função de sua temática, as reuniões serviram tanto para que os participantes encaminhassem seus subprojetos, colhessem dados, entrassem em contato com seus participantes de pesquisa, como para possibilitar que cada participante efetivamente desse sua contribuição para os estudos sobre o papel das crenças na formação de professores. Enfim, a proposta busca um verdadeiro diálogo entre o que se faz e se discute teoricamente na academia e a prática do ensino de língua na escola, considerando que este muitas vezes é orientado pelas crenças de professores e alunos.

Os encontros aconteceram mensalmente e cada encontro ficou sob a supervisão de um participante.

Além dos participantes efetivos do projeto, o grupo contou com a presença de convidados (escolhidos pelos participantes) que fizeram essa ponte entre os estudos teóricos sobre crenças e a tentativa de repensar as práticas de ensino/aprendizagem de língua a partir

da conscientização de que existe uma relação muito estreita entre formação de professores e crenças.

Ao final dos encontros, pretende-se sistematizar as considerações levantadas de diferentes formas: por meio da realização de Trabalhos de conclusão de curso que abordam a temática geral, de orientações de dissertação de mestrado e de Iniciação Científica, e da organização de pelo menos uma publicação sobre o tema.

Resultados

Como apontamos na seção anterior, os vários encontros realizados abordaram as mais variadas temáticas. Dentre essas, destacamos duas para que possamos discutir em mais detalhes os resultados alcançados até aqui.

- a) Um dos subprojetos tem por objetivo analisar as crenças que subjazem ao “ensino de Língua Portuguesa como língua estrangeira”, ou seja, trata-se de um estudo do ensino de Língua Portuguesa para estrangeiros, em que se pretende mostrar o ensino de português não como língua materna para falantes nativos, mas sim apresentando a Língua Portuguesa como uma segunda língua para esses estrangeiros.
- b) Outro subprojeto que abordaremos é o que tem avaliado a realidade da escola Estadual Indígena *Kokoj ty Han Jà* e a necessidade que esta tem de apoio junto a seu corpo docente na elaboração e viabilização de material didático em sentido amplo. Até o momento temos a previsão da impressão de um material de ensino de língua Kaingang (já elaborado), de um livro de remédios tradicionais, e outro de culinária tradicional (em elaboração), ambos bilíngues em português/Kaingang.

Considerações Finais

As conclusões a que chegamos apontam que as crenças – incluídas aí as crenças sobre língua(gem) – fazem parte da natureza do ser humano, porque elas nos confortam, nos tranquilizam, nos deixam menos angustiados diante de situações que nunca vivenciamos. Também nos dão a impressão de que temos o controle da situação, porque nos fornecem os parâmetros de como devemos agir, já que “A alma humana tem aversão à dúvida e à incerteza [...] sente a ânsia de ser guiado por um credo religioso, político ou moral, que o domine e lhe evite o esforço de pensar. [...] A razão nada pode contra essas indestrutíveis necessidades” (LE BON, 2002, p. 25).

E já que “nenhuma instituição ou relacionamento humano pode ser adequadamente entendido, a menos que consideremos as suas expectativas, valores e crenças” (BREEN, 1985, p. 136), entender o ser humano pressupõe conhecer e entender suas crenças, especialmente porque “elas são fortes indicadores de como as pessoas agem” (BARCELOS, 2001, p. 73). É nesse sentido que, ao professor, esse exercício é particularmente importante, uma vez que tão necessário quanto conhecer as pessoas que forma é conhecer a si mesmo (e isso inclui conhecer suas crenças) buscando sempre se desconstruir e reconstruir. Dessa forma, até o presente momento pode-se observar que os resultados levantados ratificam os objetivos geral e específicos do trabalho, que se propunha discutir a implicação do conceito de crenças para o ensino e a aprendizagem de línguas, buscando propor possíveis encaminhamentos e sugestões para futuras pesquisas na área.

APOIO: Agradecemos o apoio da Fundação Araucária que financia o projeto.

Referências

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Cognition de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (Org.) **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2006, p. 15-41.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. **Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, 2004, p. 123-156.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Metodologia de Pesquisa das Crenças sobre Aprendizagem de Línguas: Estado da Arte. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. **Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 2, p. 145-175, jul./dez. 2006.

LE BON, Gustave. Os ciclos das crenças e do conhecimento. In: LE BON, Gustave. **As opiniões e as crenças**. São Paulo: Ícone, 2002, p. 19-27.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. **Com a palavra a professora: suas crenças, suas ações**. Campinas, SP: Alínea, 1998.

SILVA, Kleber Aparecido da. **Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês)**. 2005, 217 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2005.